
Percurso geológico e geocultural “Portela do Mezio - Sistelo”, no Concelho dos Arcos de Valdevez (Portugal)

The geological and geocultural itinerary "Portela do Mezio - Sistelo", (Arcos de Valdevez, Portugal)

F. ARAÚJO E SILVA – fernanda.silva@eiradopenedo.pt (Centro Ciências da Terra/UM e CGUP/UM, Braga)

M.I. CAETANO ALVES – icaetano@dct.uminho.pt (CGUP/UM, CCT/UM e Universidade do Minho, Braga)

RESUMO: O percurso “Portela do Mezio-Sistelo” de 19 km, no Concelho dos Arcos de Valdevez, é um itinerário por locais de interesse geológico, com valores dos tipos geomorfológico e geocultural relevantes. O percurso tem características atractivas para público diversificado, incluindo também a biodiversidade existente, o que permite desenvolver actividades de geoturismo e de ecoturismo. Este afluxo turístico contribuirá para o desenvolvimento local, o qual poderá conduzir à necessidade de aplicar algumas estratégias de geoconservação.

PALAVRAS-CHAVE: património geológico, património cultural, geossítios, geoturismo, Serras da Peneda e do Soajo.

ABSTRACT: The “Portela do Mezio-Sistelo” is an itinerary of 19 km, in Arcos de Valdevez area, crossing many places of geological interest, mainly with relevant geomorphologic and geo-cultural values, beyond a great biodiversity. Those values are attractive to diverse audience, allow to developing activities of geotourism and ecotourism. Therefore, the tourism in the region will increase, promoting a sustainable development, but also originating some problems related with the geoconservation.

KEYWORDS: geological heritage, cultural heritage, geosites, geotourism, Serras da Peneda e do Soajo.

1. INTRODUÇÃO

A região Minho, nomeadamente as áreas do Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG) e envolventes, têm sido objecto de vários estudos sobre o património geológico. Destacam-se as dissertações de Lima D. (2005), Lima F. (2006), Fernandes (2008) e Peixoto (2008), nas quais são propostas algumas estratégias de divulgação deste património.

O itinerário geológico e cultural integra-se nos trabalhos desenvolvidos no âmbito duma dissertação de mestrado, em Património Geológico e Geoconservação, na fase de finalização. O objectivo principal é valorizar o património geológico e o património cultural, propondo estratégias e actividades de geoturismo e outras de formação, para promotores de turismo da região, por exemplo rotas todo-o-terreno, itinerários pedestres e *workshops*.

Os locais de interesse geológico são uma mais-valia para o desenvolvimento socioeconómico regional. A variedade dos tipos de valores intrínsecos àqueles locais (científico, estético, didáctico, ecológico e cultural), permite captar público diversificado e de procedência variada.

Na região de Arcos de Valdevez o uso das rochas e geoformas graníticas, por exemplo as lajes, é observável em inúmeros tipos de construções, como monumentos religiosos e funerários (mamoas), casas de habitação, espigueiros, muros, caminhos, entre outros. As actividades humanas tradicionais, nomeadamente a agricultura, através da construção de muros de contenção de terras e formação de socalcos, foram modelando as vertentes criando uma paisagem específica, muito humanizada. A distribuição destes elementos culturais no espaço é um indicador da simbiose do Homem com a Natureza. A escolha criteriosa dos locais para instalar os moinhos (nos troços mais abruptos de cursos de água), ou a construção de mamoas e estruturas de culto, de preferência no topo de colinas ou montes, constituem outros exemplos da simbiose Cultura/Natureza. Alguns sítios têm associadas lendas que são a componente mítica, transportada de geração em geração, muitas delas explicações populares das geoformas e de locais especiais para o Homem. Fazem parte da vertente imaterial do património cultural. Estes aspectos, tanto físicos como míticos exprimem a interacção do Homem com o ambiente, tendo por suporte a geodiversidade.

A actividade de turismo intrinsecamente relacionada com a geodiversidade, designa-se por geoturismo (Brilha, 2005), sendo reconhecido como um segmento de turismo em franca ascensão em Portugal (Rodrigues, 2009). Neste âmbito, os locais de interesse geocultural, assim como, os mitos, as lendas e os elementos sagrados relacionados com aspectos geológicos, compõem o património geocultural. A geodiversidade e o património geocultural têm, por si, grande importância para as actividades de geoturismo e fomentam regionalmente o desenvolvimento sustentável.

2. METODOLOGIA

As principais etapas metodológicas foram: a compilação bibliográfica; o planeamento e a execução do trabalho de campo para o reconhecimento da área, a inventariação, a selecção e a caracterização dos locais de interesse geológico e os de valor geocultural.

O *software* usado foi a maior parte *Open Source*. Na georreferenciação dos locais usou-se receptor GPS e o GVSIG 1.1 para tratamento e visualização dos dados. As imagens foram tratadas no GIMP 2.6 e o desenho vectorial com recurso ao *Inkspace* 0.47.

3. O PERCURSO PORTELA DO MEZIO A SISTELO

O trajecto situa-se no Concelho dos Arcos de Valdevez, ao longo da fronteira Ourenzana da Galiza, nas Serras da Peneda e do Soajo. Trata-se de um percurso pedestre sinalizado, com a extensão de 77 km, a grande rota “Travessia das Serras da Peneda e Soajo”. De todo o percurso é apresentado apenas o troço de 19 km, entre a Portela do Mezio (Porta do Mezio) e a freguesia de Sistelo, cruzando as freguesias de Soajo, Cabana Maior, Gondoriz e Cabreiro (Fig.1).

O itinerário passa sobre três tipos de granito: o Granito de Mezio, de grão médio, de duas micas, porfiróide; o Granito do Extremo, de grão fino a médio, de duas micas; e o Granito da Serra Amarela, de grão médio ou grosseiro, de duas micas (Pereira, 1989; 1992). Foram seleccionados 23 geossítios, dos quais 12 são do tipo geomorfológico e 11 são de interesse geocultural, dispersos por todo o percurso.

Os geossítios do tipo geomorfológico são constituídos por formas graníticas, as mais abundantes, originadas por processos de meteorização, e os restantes são por geoformas fluviais.

As geoformas graníticas são de tipos e escalas diversas, com valor científico e estético.

Ocorrem no topo e nas vertentes da Serra da Peneda e da Serra do Soajo. Ao longo do trajecto avistam-se colinas, outeiros e outros relevos de menor volume, os quais apresentam frequentemente forma acastelada do tipo *castle koppie*. Além destas, existem *tor* e caos de blocos residuais, com forma e dimensão variáveis. Os blocos isolados de 1 a 4 metros de lado

são os elementos mais frequentes. Existem dois tipos de blocos: 1) os genericamente equidimensionais, com os vértices e as arestas arredondadas, sendo alguns quase esféricos do tipo bola granítica; 2) os blocos tabulares do tipo laje, com curvatura variável. Nos primeiros é frequente observar-se pseudoestratificação e fracturas poligonais. Alguns são blocos partidos, com superfícies planas ou arqueadas, por vezes divididos em partes de volume igual e reconhecendo-se a superfície de fractura comum. Os *castle koppie* e os *tors* são geofomas particularmente abundantes, nomeadamente na Chã do Cabrito. As caneluras, os sulcos, as pias e as oriçangas, são geofomas menores mais frequentes na ligação entre Bostelinhos e a Branda de Bostechãos, Chã do Cabrito e Costa. As pias têm forma variada, ocorrendo isoladas e coalescentes, no mesmo plano e em escada.

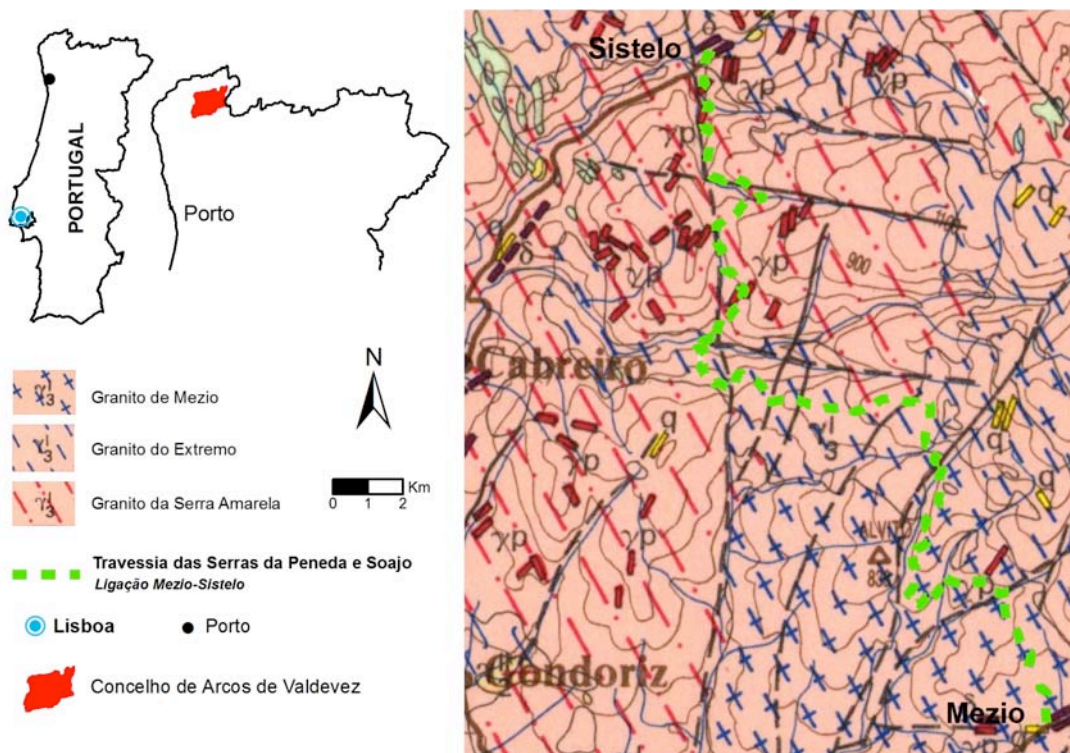


Figura 1 – Enquadramento da região e localização do troço *Ligação Mezio a Sistelo*, este marcado sobre um extracto da Carta Geológica de Portugal à escala 1:200 000 (Pereira, 1989).

As geofomas descritas resultam dos processos de meteorização, sob condições climáticas favoráveis à meteorização química e física, e posterior erosão dos materiais meteorizados (Romani & Twidale, 1998). A exposição aérea deste tipo de geofomas é o efeito combinado da meteorização e da erosão diferenciais. Esta associação de processos geológicos gera também diferenças de relevo entre os encaves e os filões de composição distinta da das rochas graníticas hospedeiras. São visíveis no percurso os filões de quartzo e os encaves salientes relativamente ao granito hospedeiro. A superfície das geofomas, do tipo blocos/bolas e mesmo formas maiores, são irregulares e têm grãos eriçados, resultantes da desagregação granular também por efeito dos processos referidos.

As formas fluviais são principalmente vales, ravinas e canais. Os vales são profundos e com vertentes íngremes. Os canais fluviais são dos tipos *cascade a step-pool*, segundo a classificação de Montgomery e Buffington (1997).

A par da geodiversidade descrita existem ainda aspectos destacáveis da biodiversidade e de interesse geocultural. A biodiversidade de flora e fauna é extremamente rica, destacam-se os carvalhais galaico-portugueses, os azevinhais e o lobo ibérico (*Canis lupus signatus*). Os musgos

e os líquenes contribuem para a meteorização das rochas, principalmente onde ocupam praticamente toda a superfície nalgumas das geoformas, nomeadamente nos sulcos, pias e blocos.

Os aspectos geoculturais evidenciam a estreita relação entre o Homem e a geologia da região, como as habitações, os socalcos, os cortelhos, as calçadas e os fojos. A presença humana remonta ao Neolítico, provam-no as necrópoles megalíticas do Mezio e de Seida (Baptista, 2005). O percurso começa junto da Porta do Mezio, a qual contempla o Núcleo Museológico do Mezio, junto do Complexo Megalítico do Mezio, sendo visíveis as mamoas 1, 2, 3 e 4. Este complexo é Monumento Nacional desde 1910, classificado como “Antas da Serra do Soajo”, estando integrado na “Área Arqueológica Mezio/Gião” (Soares, 2005). Salienta-se ainda o aproveitamento dos recursos geológicos e geomorfológicos locais, para o desenvolvimento das sucessivas comunidades agro-silvo-pastoris, descritos por Brito (1953) e Rey (2000).

4. CONCLUSÃO

O itinerário geológico e geocultural aqui proposto oferece um conjunto diversificado de valores, com potencialidade para actividades de geoturismo. Ao itinerário podem ser ainda associados outros interesses naturais, ligados à biodiversidade. As actividades requerem um acompanhamento directo dos efeitos sobre os geossítios, de modo que se necessário seja implementada, em tempo útil, a estratégia de geoconservação mais adequada.

Esta região é ideal para a prática de geoturismo, integrado no ecoturismo; este é definido pela Sociedade Internacional do Ecoturismo como a “visita responsável a áreas naturais conservando o ambiente e melhorando o bem-estar das populações locais” (Brilha, 2005).

Referências

- Baptista, A. (2005) – Apontamentos sobre as origens do Soajo e Gavieira. In: Fernandes, M.A. (Edt.), *Terra de Valdevez*, 17, pp. 33-45.
- Brilha, J. (2005) – *Património Geológico e Geoconservação: A Conservação da Natureza na sua Vertente Geológica*. Palimage, Braga, 190 p.
- Brito, R. (1953) – Uma Aldeia de Montanha do Minho. O Soajo. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 2ª série, pp. 88-132.
- Fernandes, M.D.S. (2008) – *Valorizar e Divulgar o Património Geológico do Parque Nacional da Peneda-Gerês numa estratégia dirigida ao ensino das geociências*. Dissertação de Mestrado em Património e Geoconservação, Univ. do Minho, Braga, 147 p. + CD-ROM (Anexo 5).
- Lima, D.M.C.H. (2005) – *Um itinerário geológico pela Serra do Gerês na promoção da cultura científica – Percorso Pedestre Interpretativo, Minas do Borrageiro - Lagoa do Marinho – Um Reforço à Educação Ambiental*. Dissertação de Mestrado, Univ. do Porto, Porto, 201 p + Anexos (CD-ROM).
- Lima, M.F.D.L. (2006) – *Caracterização e estratégias de valorização sustentável de ocorrências geológicas com importância patrimonial*. Dissertação de Doutor em Ciências, Univ. do Minho, Braga, 219 p. + Anexo 116 p
- Montgomery, D.R. & Buffington, J.M. (1997) – Channel-reach morphology in mountain drainage basins. *GSA Bulletin*, 109 (5), pp. 596-611.
- Pereira, E. (Coord.) (1989) – *Carta Geológica de Portugal, escala 1/200 000, Folha 1*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- Pereira, E. (Coord.) (1992) – *Carta geológica de Portugal, escala 1/200 000. Notícia Explicativa da Folha 1*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 83 p.
- Peixoto, L.J.S. (2008) – *O Património Geomorfológico – Glaciário do Parque Nacional da Peneda – Gerês: Proposta de Estratégia de Geoconservação*. Dissertação de Mestrado em Património e Geoconservação, Univ. do Minho, Braga, 163 p. + CD-ROM (Anexo IV).
- Rey, J. (2000) – Território e Povoamento. In: Graça, L.L. e Santos, H.M.R. (Edt.), *Cadernos da Montanha Peneda I*, Dir. Reg. Agricultura de Entre Douro e Minho, pp. 22-39.
- Rodrigues, M.L. (2009) – Geoturismo. In: Simões, J.M. e Ferreira, C.C. (Edts.), *Turismos de Nicho: motivações, produtos, territórios*, C. Estudos Geográficos, Lisboa, pp. 57-62.
- Romani, J. R. & Twidale, C. (1998) – *Formas y Paisajes Graníticos*. Univ. Coruña, Servicio de Pub., 411 p.
- Soares, N. (2005) – As mamoas 5 e 6 do Núcleo Megalítico do Mezio (Arcos de Valdevez). In: Fernandes, M.A. (Edt.), *Terra de Valdevez*, 17, pp. 9-22.